

COMUNICAÇÃO

A PARTICIPAÇÃO DA ESCOLA DE GUERRA NAVAL NO AMBIENTE ACADÊMICO: UMA COOPERAÇÃO CIVIL-MILITAR

Contra-Almirante Walter Carrara Loureiro

O Contra-Almirante Walter Carrara Loureiro exerce o cargo de Diretor da Escola de Guerra Naval.

Ao proferir, em fevereiro deste ano, a aula inaugural dos Cursos da Escola de Guerra Naval (EGN), o Almirante-de-Esquadra Julio Saboya de Araújo Jorge, Chefe do Estado-Maior da Armada (EMA), iniciou a sua apresentação advertindo que as constantes mudanças do mundo moderno vêm reivindicando alterações nas formações profissionais, muitas vezes difíceis de serem compreendidas, em um primeiro instante, devido estarem nossas percepções baseadas em experiências passadas.

Prosseguiu assinalando que a qualificação para se exercer um determinado cargo deve ser permanentemente revista, em face da nova realidade. Isto obriga que o profissional, experiente ou não, tenha um amplo conhecimento da organização onde trabalha, discernimento do meio ambiente que a envolve e reconhecimento da importância para o público externo de sua profissão.

Com isso, “estudiosos do assunto projetam, para este século, um novo perfil do trabalhador moderno, resultado de uma formação profissional que extrapole conhecimentos específicos de uma determinada ocupação, privilegiando a capacitação para o trabalho mais ampla e flexível”.¹

Mais recentemente, o Almirante-de-Esquadra James G. Stavridis, Comandante do Comando Sul dos Estados Unidos da América (EUA), surpreendeu os participantes da Joint Warfighting Conference 2008 (conferência voltada aos debates sobre a interoperabilidade na forma de combater), ao estimular os militares a pensar, ler, escrever e publicar. Comentou que, no século XXI, tão necessário como lançar mísseis Tomahawk, é importante que os militares lancem suas idéias².

O que podemos depreender desses dois discursos proferidos por autoridades navais, tanto de nosso país, quanto dos EUA?

¹ O texto completo da aula inaugural proferida pelo Alte. Saboya pode ser acessado na página da Escola de Guerra Naval na Internet, no link: <http://www.egn.mar.mil.br/eventos/ocorridos/2008/aula2008.htm>.

² A reportagem que trata da participação do Alte. Stavridis na conferência realizada no mês de junho de 2008 pode ser acessada na página da Internet: <http://www.afcea.org/signal/signalscape/index.php/2008/06/stavridis-think-read-write-publish/>.

Atualmente, a formação de líderes, sejam eles militares, a quem essas palavras foram inicialmente dirigidas, sejam civis, como a maioria dos presentes nessa audiência, exige uma capacitação que vai muito além das barreiras que contêm apenas uma singela área de conhecimento; bem como obriga a que os conhecimentos que forem sendo adquiridos sofram um processo de agregação de valor, realimentando o sistema com a produção de um novo saber.

Vivemos no mundo da informação, onde o dilema “especialização versus generalização” está presente. Um cientista social ou um militar que desconheça os princípios básicos de economia e administração, provavelmente sentirá grande dificuldade em conduzir a sua própria atividade. O mesmo podemos dizer daqueles que pretendem discutir as relações entre forças armadas e sociedade. Se as partes não possuírem um conhecimento das bases da formação acadêmica do outro, haverá uma grande possibilidade desse diálogo resultar em fracasso. Se os militares são objetos de estudo para os acadêmicos, os anseios em matéria de defesa por estes percebidos como sendo da sociedade são, da mesma forma, assuntos de interesse nos foros castrenses.

É fato inconteste que a complexidade dos temas, não só no campo militar, mas em todas as outras áreas de conhecimento, constituem, cada vez mais, imensos desafios, pois aos antigos problemas são adicionados

novos, que exigem uma resposta multidisciplinar.

Este quadro se torna ainda mais complexo quando consideramos o impacto criado pelas Tecnologias da Informação (TI) e de Comunicações (TC), que resultam em intensa dinâmica de ofertas em inovações científicas e tecnológicas, provocando transformações em nossa sociedade planetária, muitas vezes sem que todos esses conhecimentos possam ser totalmente absorvidos por nossa limitada condição de seres humanos.

A EGN não poderia, assim como a instituição Marinha do Brasil (MB), deixar de buscar formas de inovar e adaptar-se aos atuais desafios. Como órgão que detém quase um monopólio, dentro da MB, de preparar os oficiais em cursos de altos estudos, iniciou o processo de levar aos seus alunos formas de pensar criticamente o mundo contemporâneo. A estratégia básica para tal propósito é a inovação intelectual. Entretanto, ela precisa ser testada e avaliada para identificar as necessidades de correções.

O oficial, ao iniciar o seu curso na EGN, é conclamado a deixar de pensar em certezas absolutas e passar a preocupar-se em aprofundar os estudos para pesquisar e identificar como a Marinha precisa conceber formulações políticas e estratégicas adequadas às peculiaridades brasileiras. Não existe mais o PRETO e o BRANCO. Tudo passa a ser CINZA. E é aí que se vai encontrar o ponto de contato da EGN com as Universidades. Estas têm, nos cursos

de pós-graduação, um meio de reconstruir e ampliar o conhecimento a partir das experiências profissionais. A diferenciação pelo saber é a componente estratégica e o instrumento de competitividade.

Foi consciente desse fato que na EGN, desde o ano de 2003, os Cursos de Política e Estratégia Marítimas (C-PEM) e Estado-Maior para Oficiais Superiores (C-EMOS) tiveram suas estruturas alteradas pela incorporação de disciplinas de fundamentação teórica, ministradas por professores do Instituto COPPEAD de Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro (COPPEAD/UFRJ), compondo cursos em nível de pós-graduação *lato sensu* tipo *Master of Business Administration* (MBA).

As tradicionais disciplinas desses Cursos que tratam de assuntos de caráter profissional não tiveram suas estruturas alteradas. Na realidade, as alterações consistiram na substituição de palestras, conferências e painéis, tradicionalmente constantes das grades curriculares daqueles cursos, por disciplinas dos cursos de pós-graduação, dando um embasamento teórico que permite aos Corpos Discentes dos cursos em lide ampliarem a capacidade analítica e de reflexão concernente com as transformações contemporâneas. Estamos falando aqui de profissionais que possuem cerca de vinte (no caso do C-EMOS) e trinta anos (no caso do C-PEM) de experiência profissional naval.

A partir de abril de 2005, a EGN deu origem a uma auto-avaliação

voltada para a necessidade de implementar ou aperfeiçoar as seguintes atividades:

- A elevação do nível de formação do Corpo Docente. Nesse ponto, uma série de ações precisava ser executada para se conquistar um patamar mais elevado. É preciso lembrar que idéias sem ações dão em nada como produto;
- O desenvolvimento de conhecimentos de interesse, tanto por parte do Corpo Discente como do Docente;
- A busca de retorno para a avaliação do ensino na EGN, por meio do que é ensinado em cursos similares ou não, no país e no exterior, a fim de identificar inovações para melhoria dos cursos e atividades correlacionadas; e
- A disseminação do conhecimento não só internamente, mas para os grupos influentes dentro e fora da MB.

Essas quatro atividades podem ser sintetizadas na **credibilidade** da organização. Além disso, há um aspecto que permeia todas as atividades apontadas: a **pesquisa**, ferramenta indispensável na geração do conhecimento e que serve de base para a distinção da Escola como um todo. Um trabalho constante e de absoluta necessidade, pois só assim é possível produzir concepções adequadas ao ambiente que nos cerca e dentro de critérios por nós estabelecidos.

Afortunadamente, neste mesmo ano, pudemos contar com um novo instrumento que em muito contribui com os nossos propósitos. Trata-se da assinatura da Portaria nº 2.674, de 29 de julho de 2005, pelos Ministérios da Defesa e da Educação. Este documento trata do Programa de Apoio ao Ensino e à Pesquisa Científica e Tecnológica em Defesa Nacional, mais conhecido como Pró-Defesa, que entre outros aspectos, permite que sejam desenvolvidos projetos, com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), de parcerias entre as Universidades e as Organizações Militares de Ensino e Pesquisa, não só para fomentar a formação de pessoal pós-graduado em Defesa Nacional, mas também para desenvolver e consolidar linhas de pesquisa sobre este tema, tão carente de conhecimento no Brasil.

A auto-avaliação citada, agora aliada ao Programa Pró-Defesa, levou à reformulação do Plano Estratégico da EGN, aprovado em 06 de novembro de 2006. Este Plano baseia-se nas duas principais diretrizes para as atividades da Escola: A Missão da EGN e a sua Visão de Futuro:

a) A **Missão** – “Ministrar, atualizar, uniformizar e ampliar os conhecimentos dos oficiais naquilo que se relaciona com a defesa nacional, o poder marítimo, a guerra naval e a administração; disseminar, por intermédio de seus cursos, a doutrina naval emanada do EMA; investigar, estudar, experimentar e opinar sobre novos métodos, teorias, planos e

doutrinas ou temas de interesse da Marinha, quer por determinação específica do EMA, quer por iniciativa própria, a fim de contribuir para a capacitação dos oficiais para o desempenho de comissões operativas e administrativas, assim como no exercício de cargos de comando, chefia, direção e funções em estado-maior e nos altos escalões da Marinha”.

b) A **Visão de Futuro** - “Ser um Centro de Excelência em ensino e pesquisa no campo da Defesa Nacional, até o ano de 2014”.

Embora a EGN já seja reconhecida como uma excelente instituição no âmbito das Forças Armadas brasileiras, a “Visão” busca consolidar esse conceito nos níveis nacional e internacional, principalmente entre as melhores escolas militares semelhantes de outros países. Além do mais, com o incremento do interesse pelas universidades brasileiras e dos centros de estudo pelos assuntos relacionados com a Defesa Nacional, é necessário que a EGN também aprofunde seus estudos, de modo a poder discutir em igualdade de condições com os demais pesquisadores sobre os temas afetos a essa importante área do conhecimento. Apesar do ano de 2014 estar muito próximo, tendo-se em conta a amplitude da mudança proposta, este foi escolhido por ser uma data significativa: o centenário da Escola de Guerra Naval.

Nosso Corpo Docente deverá ser composto por professores concursados com doutorado, oficiais da

reserva com mestrado e alguns com doutorado, oficiais da ativa com mestrado e ou doutorado e uma parcela de cerca de um terço desse Corpo com oficiais da ativa com vivência militar naval. Dessa forma, mesclar-se-á a experiência dos oficiais da reserva, o conhecimento teórico dos professores e a atualização profissional dos oficiais da ativa. A qualificação e a experiência do Corpo Docente influenciarão na qualidade do ensino e da pesquisa de assuntos de interesse da Marinha, possibilitando que no médio prazo a EGN seja capaz de contribuir para gerar um pensamento estratégico nitidamente nacional.

O Centro de Estudos Político-Estratégicos (CEPE), pertencente à estrutura organizacional da EGN, busca complementar de forma harmônica as atividades de pesquisa desenvolvidas pelo Corpo Docente do Setor de Ensino da EGN. Neste Centro, procura-se desenvolver as atividades de pesquisa do Corpo Docente e Discente da Escola, com o apoio de um Corpo de Colaboradores de reconhecido renome na área acadêmica e militar.

A associação da EGN nos Projetos Rede Brasil Defesa, em parceria com a UFF, ECEME e ECEMAR, e Consórcio Rio de Janeiro de Estudos de Relações Internacionais, Segurança e Defesa Nacional, com a UFRJ e PUC/RJ, contribui de maneira significativa para que alcancemos nossa “Visão”. A expectativa que possuímos é que, como resultado dessas parcerias,

tenhamos a ter até 2010, data do término dos projetos veiculados pelo Edital nº 1/2005 do Pró-Defesa, doze oficiais Mestres e dois Doutores em nosso Corpo Docente nas áreas de Ciência Política, Estudos Estratégicos e História Comparada.

Além disso, iniciativas nas áreas de História Política (UERJ), Relações Internacionais (UFF) e História e Administração (UFRJ) agregarão mais três oficiais Mestres e um Doutor a nossa Escola.

Relevante informar que os oficiais da ativa, de acordo com o que estabelece o Sistema de Ensino Naval, realizam seus cursos em regime de “dedicação exclusiva”, ficando subordinados às Organizações Militares Orientadores Técnicas, nesse caso específico a EGN. Esta subordinação não é apenas de caráter administrativo. Cabe a EGN dentre outras atribuições, orientar o cursando na escolha de disciplinas, acompanhar o seu desempenho acadêmico; participar da seleção do tema da Dissertação ou Tese; e acompanhar o desenvolvimento da elaboração do Projeto e da Dissertação ou Tese, interagindo, quando necessário, com os orientadores das universidades, de modo a garantir que os prazos estabelecidos sejam cumpridos e que o resultado seja compatível com os objetivos estabelecidos pelas duas instituições.

Complementarmente, por meio da Portaria nº 248, de 31 de agosto de 2006, do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão,

a EGN foi autorizada a elaborar um Edital Público para a contratação de sete professores doutores nas áreas de História, Relações Internacionais, Economia, Direito Internacional Público e Administração. Por motivos diversos, alheios a nossa vontade, apenas três preencheram todos os requisitos exigidos no processo seletivo. Com isso a EGN pode hoje contar com dois Doutores na área de Relações Internacionais e um em Economia. Gestões estão sendo feitas por meio de nossa Diretoria do Pessoal Civil para que sejamos autorizados a divulgar um novo edital para complementar as vagas não preenchidas.

No setor de divulgação de pesquisas, a EGN possui a Revista da Escola de Guerra Naval, indexada, de edição semestral, publicada tanto em meio físico como digital nos idiomas português, inglês e espanhol. A Escola vem buscando cumprir todas as exigências do processo “Qualis”³ da CAPES para reconhecê-la como revista científica no mais alto nível. Ela está a disposição para o recebimento de trabalhos voltados aos temas de Defesa, estando suas instruções disponíveis na página da EGN na Internet.

(<http://www.egn.mar.mil.br/revistaEgn.htm>).

Da mesma forma que as Escolas co-irmãs, a EGN promove Conferências, Congressos e

Seminários sobre temas de interesse na área de Defesa Nacional, com ênfase aos aspectos relacionados ao Poder Marítimo e Naval.

Além disso, através do CEPE, exerce as funções de Secretaria Permanente dos Encontros Nacionais de Estudos Estratégicos (ENEE). Esta Secretaria foi criada em 08 de novembro de 2006, por ocasião da realização do VI ENEE, em nossa Escola. A ela compete fomentar a realização dos ENEE; manter o registro documental dos Encontros; fornecer aos interessados material histórico sobre os eventos anteriores; e contribuir para divulgar as atividades dos ENEE. No corrente ano a UNIFA, no exercício da Secretaria Executiva, irá promover o VIII Encontro. Trata-se de um evento que por suas características complementa as atividades da ABED e a sua promoção está aberta às instituições acadêmicas que se voluntariarem em patrociná-lo. O evento pode ser promovido de forma isolada ou em associação com outras entidades, desde que respeitado o foco de se tratar de temas estratégicos relacionados com a Segurança e a Defesa Nacional.

Como se pode perceber, essas diversas parcerias não representam um jogo de “soma zero”, onde para uma das partes ganhar é necessário que as outras percam; mas um verdadeiro jogo de “ganhos múltiplos”, onde todos os partícipes obtêm ganhos superiores

³ “Qualis” é o resultado do processo de classificação dos veículos utilizados pelos programas de pós-graduação para a divulgação da produção intelectual de seus docentes e alunos. Tal processo foi concebido pela CAPES para atender as necessidades específicas do sistema de avaliação e baseia-se nas informações fornecidas pelos programas e pela Coleta de Dados. Mais informações na página da Capes: <http://qualis.capes.gov.br/webqualis/Index.faces>

ao previamente acordado. Como exemplo de ganho transcendente citamos a ruptura das paredes das “torres de marfim” que isolavam em uma delas o mundo acadêmico e na outra as escolas de altos estudos militares, promovendo nas salas de aula o mais franco diálogo civil-militar. Cremos, sinceramente, que este diálogo representará um novo marco no relacionamento entre Forças Armadas e Sociedade e, no nosso caso específico, da EGN com a Academia.

Um novo Edital do Pró-Defesa já foi lançado em 2008. A Escola de Guerra Naval esta aberta para o recebimento de propostas de parcerias nas áreas de Ciência Política; Geopolítica; Políticas de Defesa Nacional, Marítima Nacional e Naval; Relações Internacionais; Direito Internacional Público; Estudo de Operações Militares; Planejamento Militar; Jogos de Guerra e de Crise; Gestão Estratégica e Doutrina de Comando e Controle.

Que estas breves palavras lhes tenham despertado a curiosidade sobre a nossa Escola de Guerra Naval e os estimule a questionamentos que esperamos poder responder por ocasião do período dos debates.

Mas antes de terminar gostaria apenas de apresentar uma breve reflexão. Discutem-se tanto nos centros acadêmicos, como nas escolas militares, se a política, como a guerra, é Ciência ou Arte. Até hoje não se encontrou uma resposta que possa ser considerada definitiva. Entretanto, Albert Einstein em sua simplicidade, que é a característica dos gênios, delineou o caminho que tanto militares, quanto acadêmicos, devem humildemente trilhar:

“Onde o mundo deixa de ser o cenário de nossas esperanças pessoais e desejos, onde o defrontamos como seres livres que admiram, perguntam e observam, é aí o local por onde adentramos o Reino da Arte e da Ciência”.

REFERÊNCIA

LOUREIRO, Walter Carrara. **A participação da Escola de Guerra Naval no ambiente acadêmico: uma Cooperação Civil-Militar.** Mesa redonda 5 - Educação, Ciência e Tecnologia: a cooperação civil-militar. Palestra proferida no 2º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos de Defesa - ABED. Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 17 jul. 2008.